



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — **Dr. Manuel Marques dos Santos**
 Composto e impresso na União Grafica, Rua do Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — **Padre Manuel Pereira da Silva**
 Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

Na Santa Montanha de Fátima

Bela e oportuna iniciativa — Tôres Novas em Fátima — Grandiosa procissão regional — Missa e prática do Sr. Bispo de Leiria — A primeira missa cantada — Bênção dos doentes, sermão e procissão.

No Domingo, três de Junho próximo findo, a Vigararia de Tôres Novas, como muito bem disse o nosso presado colega «O Almonda», semanário católico daquela importante vila estremenha, «escreveu uma das páginas mais brilhantes da sua história religiosa».

Por iniciativa do Conselho Particular das Conferências de S. Vicente de Paulo e com o seu valioso concurso, o clero da respectiva circunscrição eclesiástica promoveu uma peregrinação regional ao Santuário de Fátima, como remate e corôa dos piedosos exercícios com que o bom povo português costuma honrar a Virgem Santíssima durante o mês de Maio, especialmente dedicado ao seu culto.

Na véspera à tarde e durante a noite, apesar da chuva torrencial que começou a cair pouco depois do sol posto e apenas cessou com o raiar da madrugada, eram muitos os peregrinos que a pé ou em carros descobertos, de todos os feitios e tamanhos, se dirigiam para a Cova da Iria.

O movimento não parecia inferior ao dos dias treze de maior concorrência, à excepção de Maio e Outubro.

O ponto de reunião previamente marcado para as Irmandades, Confrarias e associações de piedade era junto dum largo reservatório de agua das chuvas, que tem o nome de Lagoa da Carreira e que fica a menos de meio caminho entre a igreja da freguezia e o local das aparições. Até esse local, em todo o percurso, vários postes, colocados na margem direita da estrada e encimados por taboetas, indicavam onde se devia juntar o povo de cada freguezia com o seu pároco e as suas corporações religiosas.

As dez horas, a procissão, organizada com o mais rigoroso método, principiou a desfilar.

Irmandades, Confrarias, Associações de Filhas de Maria, Servas de Nossa Senhora do Rosário, Colégios, Asilos e outras instituições semelhantes formavam duas alas longas, intermináveis, que se estendiam a perder de vista.

Ao centro, flutuavam em grande número guões, bandeiras e estandartes, cujas côres faziam um *pendant* encantador com a graciosa policromia das capas, azues, verdes, brancas, roxas e encarnadas.

No couce da procissão seguiam milhares de pessoas, de ambos os sexos e de todas as idades e condições sociais, deixando atrás de si um mar imenso de veículos de toda a espécie, principalmente automóveis e *camionettes*.

Quando o grande e magestoso cortejo, tendo penetrado nos domínios do Santuário, desceu a Avenida Central, o espectáculo que se desfrutava das colinas adjacentes era grandioso, soberbo, empolgante.

A multidão durante o percurso rezou o terço do Rosário e cantou os versos do cântico *Virgem Pura*, cantando por fim o «Salvé, nobre Padroeira!»

As diversas Irmandades tomam os seus lugares em volta do Pavilhão e os doentes, as crianças e as associações femininas sentam-se nas bancadas do recinto.

Segue-se a missa da Comunhão geral, que é celebrada pelo Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria.

Durante a missa, o rev.do dr. Marques dos Santos reza em voz alta o terço alternadamente com a assistência. Faz-se depois a preparação para a Comunhão.

O Senhor Bispo faz uma prática de afervoramento. E' o seu coração de Pastor amantíssimo que fala, transbordando de piedade, confiança e reconhecimento para com Jesus, Rei de Amor e Vítima de expiação, e Maria Reparadora, augusta Padroeira de Portugal.

O ilustre Prelado e mais cinco sacerdotes distribuem o Pão dos Anjos a cerca de duas mil pessoas.

Terminada a missa o Senhor Bispo reza com os fiéis cinco Ave-Marias por Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo, pelo Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Arcebispo eleito, ora sagrado, de Mitilene, pelas famílias dos peregrinos e pela Vigararia de Tôres Novas.

O rev.do João Nunes Ferreira, pároco da freguezia de S. Pedro e alma da peregrinação, reza com o povo as orações de acção de graças.

A uma hora e meia, depois de conduzi-la a Imagem da Virgem da capela das aparições para a capela das missas, no meio do acenar dos lenços e dos vivas e palmas da multidão, principia a missa solene. Devia cantá-la Mons. Manuel Vieira, ilustre Vigário da Vara, director da Peregrinação, que por motivo de saude se viu forçado a celebrá-la mais cedo.

Acolitam à missa os rev.dos José António da Silva, pároco de S. Tiago, e Joaquim Alberto, pároco da Brógueira.

Assistem ao venerando Prelado os rev.dos Mons. Manuel Vieira e António de Oliveira, antigo Vigário e prior de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa.

O rev.do Gomes Loureiro, capelão da Santa Casa da Misericórdia e representante do rev.do pároco da Golegã, Mons. Quintela, dirige as cerimónias.

Cantou-se a missa dos Anjos e o Credo de Lourdes.

O rev.do António de Oliveira sobe ao púlpito e deixa falar o seu coração de sacerdote abraçado em zelo da salvação das almas, comovendo profundamente o auditório.

O Senhor Bispo de Leiria dá a bênção aos doentes, que eram bastante numerosos, sendo cinco de gravidade. Mons. Vieira leva a umbela. As invocações impressionam fortemente. Vêm-se lágrimas em muitos olhos. O silêncio é profundo e apenas cortado pelas súplicas vementes e p-

los soluços e suspiros abafados da multidão.

Feita a exposição solene do Santíssimo, Mons. Vieira lê a Consagração da Vigararia a Nossa Senhora.

O Senhor Bispo dá em seguida a Bênção geral com o Santíssimo, que é recebida de joelhos e num grande recolhimento por todos os presentes.

Organiza-se por fim a procissão para reconduzir a Imagem de Nossa Senhora à capela das Aparições. O cortejo, grandioso e imponente, sobe à estrada e desce pela Avenida Central, produzindo um efeito surpreendente, de encanto e beleza incomparável.

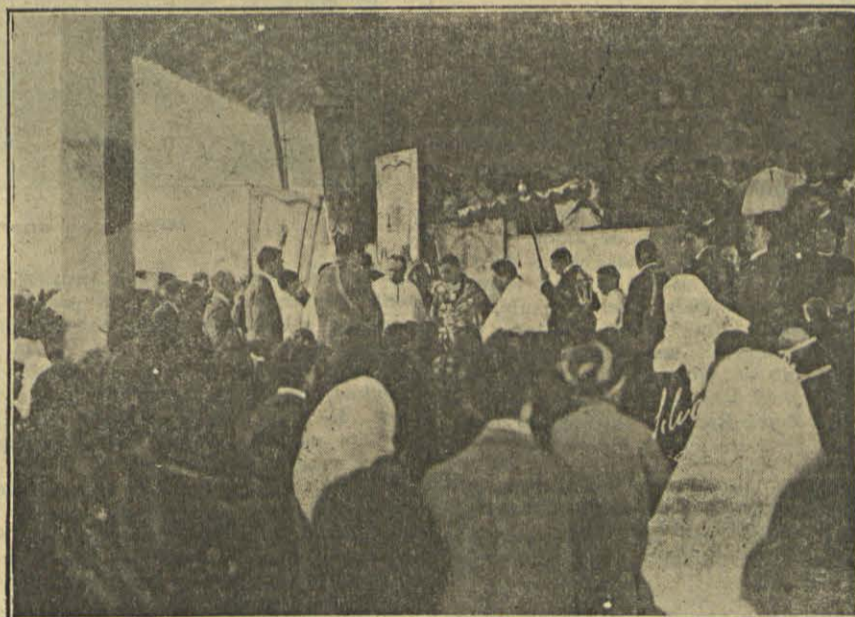
Junto do padrão comemorativo das aparições, os peregrinos rezam pelo Senhor Bispo de Leiria, pela Pátria, pelos doentes e pela Vigararia, cantam com ternura o *Adeus à Virgem* e ás quatro horas e meia iniciam a dispersão, despedindo-se a custo daquele lugar bemdito, levando consigo infandas saudades e recordações in-

de que se realizava com o maior esplendor na igreja paroquial em honra do glorioso filho do Serafim de Assís, o concurso de peregrinos à Cova da Iria excedeu toda a expectativa e a primeira impressão de quem chegava às imediações do santuário era a que se costuma experimentar nos dias de grande peregrinação nacional.

Na véspera à tarde é já a muito custo que se circula na estrada distrital entre a igreja paroquial e o lugar das aparições. Veículos de toda a espécie, procedentes das mais distantes regiões do país, ocupam, em número de muitas centenas, talvez milhares, a longa fita branca da estrada e os terrenos adjacentes.

A cada momento chegam peregrinações ou grupos de peregrinos mais ou menos numerosos.

A procissão das velas, que começa a organizar-se às dez horas, é a mais bela e a mais ordenada de todas as que se tem efectuado em Fátima.



Bênção aos doentes (Maio de 1927)

deléveis daquelas horas felizes passadas aos pés da Mãe de Deus no seu santuário predileto.

E assim se realizou auspiciosamente, com a protecção e as bênções de Maria Santíssima — penhor seguro de abundantes frutos espirituais, — a primeira peregrinação regional portuguesa ao Santuário Nacional de Fátima.

O glorioso taumaturgo português — Devoção popular ao ilustre filho da Ordem Seráfica — Primeiras vésperas — Procissão das velas — Adoração nocturna — Allocuções e preces.

Treze de Junho é o dia consagrado pela Igreja à comemoração solene universal dum dos santos mais populares do agiologio eclesiástico: Santo António de Lisboa.

A população do distrito de Leiria e sobretudo a de Fátima, que o escolheu para seu Padroeiro, tem para com o grande taumaturgo uma devoção acrisolada, guardando o dia da sua festa anual como se fóra um dia santo de preceito.

Por esse motivo e apesar da festividade

imprime-lhe uma feição especial e comunica-lhe uma graça e um encanto extraordinário a presença de tantas peregrinações, com as suas confrarias, as suas associações de piedade, os seus estandartes e sobretudo com as suas preces e os seus cânticos, com a sua fé viva e com a sua piedade edificante.

Seguindo o itinerário do costume, o formosíssimo cortejo, cuja vista faz brotar de muitos olhos lágrimas de funda comção, desfila lentamente passando sucessivamente diante dos olhos maravilhados dos assistentes, entre outras peregrinações, as de Castelo de Anciao, Alvorninha, Azoia de Leiria, Ferreira do Zêzere, Alvados e Condeixa.

Sobresaem, atraindo sobre elas, dum modo particular, a atenção de todos, a peregrinação de Maceira com cerca de mil pessoas — a freguezia em peso, como dizia o respectivo pároco, antigo capelão voluntário do C. E. P., — e a peregrinação da Conceição Velha, de Lisboa, que compreendia mais de trezentas pessoas.

A uma hora da madrugada, apagadas as velas e desvanecidos os derradeiros ecos da procissão nocturna, inicia-se o primei-

ro turno de adoração. Reza o terço com o povo e prega enternecidamente sobre o amor e a reparação devidos a Jesus-Hóstia o rev. do João Nunes Ferreira, capelão dos servitas de Torres Novas. Ao segundo turno, privativo da peregrinação de Maceira, preside, no impedimento do respectivo pároco, um piedoso sacerdote que reza também o terço alternadamente com os fiéis e fala com unção sobre a Divina-Eucaristia.

As peregrinações organizadas — A vida religiosa dos santuários — Missas e Comunhões — A nobre tarefa dos servitas — O exame médico dos doentes — A devoção fervorosa dos fiéis.

Depois dum curto intervalo de necessário repouso, os sacerdotes inscritos no livro de registo do Santuário vão celebrando, uns após outros, o santo sacrificio da Missa no altar-mor e nos altares laterais da Capela nova.

As peregrinações organizadas, que já mais foram tão numerosas como neste dia, põem uma nota de piedade bem viva e bem funda em todos os actos colectivos. A vida religiosa dos santuários nunca atingiu como hoje um grau tão elevado de intensidade e de fervor. As preces e os cânticos, a assistência às Missas, as comunhões numerosíssimas, o silêncio, o recolhimento, a ausência de respeitos humanos, a exclusão de todos os elementos profanos que caracterizam as romarias tradicionais, tudo, enfim, nos inspira a consoladora certeza de que o nosso bom povo compreende a razão de ser da Lourdes portuguesa e o verdadeiro caracter das peregrinações ao santuário máximo da Pátria, erigido no seu coração em honra e desagravo de Jesus, Vítima de amor na Hóstia Santa, por sua augusta Mãe, Maria Santíssima Reparadora.

Os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário rivalizam em dedicação para com as vítimas de todas as misérias físicas que ali foram implorar daquela a quem a Igreja chama na Ladainha Lauretana a Saude dos enfermos, a cura dos seus males ou a paciência e a resignação para os que sofrerem com méritos para o Céu.

No Posto das verificações médicas são examinados alguns centos de doentes. Pouco a pouco, o respectivo Pavilhão vai recebendo os seus hóspedes, sobre os quais a Mãe de Deus volve do alto do seu trono um olhar de compaixão e ternura e que Jesus-Hóstia a breve trecho vai encher de conforto e por ventura aliviar ou curar na sua passagem como Deus de bondade, de misericórdia e de amor.

E de todas aquelas almas, cheias de confiança em Jesus e Maria, parece desprender-se, ecoar por toda a terra e subir para as alturas um brado, unisono, veemente, formidável, um cântico de triunfo, um hino de vitória: *Regnet Rex Regum! Regnet Regina Rosarii!* — Reine o Rei dos Reis! Reine a Rainha do Rosário!

A primeira procissão — A missa oficial — Bênção dos doentes — As invocações de Lourdes — O sermão — A última procissão — As curas maravilhosas.

Pouco antes do meio-dia solar realiza-se a procissão da Imagem de Nossa Senhora do Rosário da capela das aparições para a capela das Missas.

A multidão que está prostrada em volta do Pavilhão dos doentes e que é numerosa e compacta como nunca aclama a Virgem, representada na sua veneranda Imagem que é conduzida aos ombros dos servitas por entre alas de povo e sob uma chuva incessante de flores. Quando as servas de Nossa Senhora do Rosário, que constituem a sua guarda de honra, assomam ao limiar do Pavilhão, milhares de lenços saudam a Rainha do Céu e por todo o vasto anfiteatro da Cova da Iria ecoam os vivas e as palmas que estrugem nutridas e prolongadas. Cantado o *Credo*, um sacerdote sobe ao altar-mor e celebra a missa dos doentes. Durante ela, reza-se o terço e cantam-se alguns cânticos religiosos. Ajudam à missa um ilustre oficial superior do exército e um distintíssimo professor. Dir-se-ia que a Providência, reunindo ali no altar aos pés de Deus representantes das três maiores forças que existem sobre a terra: a graça, a ciência e a disciplina, quis mostrar que a Religião e a instrução, simbolizadas pelo sacerdote e pelo professor, e só elas, produzem em larga escala os seus benéficos efeitos e fazem a felicidade dum povo, quando os vínculos do respeito e da

ordem são assegurados pela força física de que é detentora a autoridade pública.

Terminada a missa, dá-se a bênção aos doentes, fazendo-se entretanto as invocações de Lourdes. Cantado o *Tantum ergo* e dada a bênção geral, o rev.º José Alexandre Casimiro, pároco de Maceira, sobe ao púlpito e prega um sermão apropriado ao dia e ao local.

Depois do sermão organiza-se de novo o cortejo que conduz a Imagem de Nossa Senhora ao padrão comemorativo das aparições. Outra vez se ouvem vivas e palmas, outra vez a multidão acena com os lenços, despedindo-se da Rainha do Céu, ali representada na sua veneranda Imagem. E os olhos dos peregrinos, dos válidos como dos doentes, tornam a marejar-se de lágrimas e a comoção invade segunda vez as almas e os corações de todos os presentes.

Por entre a multidão corre a fama de numerosas curas operadas nos últimos tempos.

E' uma quasi octogenária, de nome Maria da Conceição Pires, desenganada do médico assistente, que lhe dava apenas algumas horas de vida e que com grande surpresa a vê curada de repente. Veio em acção de graças com a peregrinação de Condeixa, que trouxe a Fátima mais de cem pessoas em *camions e camionettes*.

E' uma mulher de Trás-os-Montes que, tendo vindo a Fátima no dia treze de Maio pedir a Nossa Senhora a cura dum cancro e de que sofria tendo-se sentido muito mal a ponto de se pensar em interná-la num hospital por não poder regres-

zarro fóra objecto duma graça extraordinária por ocasião da última peregrinação a Fátima. Procurámos alguém da Ex.ª Família que nos elucidasse acerca do que havia.

Por felicidade encontrámos a propria mãe da criancinha, a Ex.ª Senhora D. Maria da Conceição Pizarro de Sampaio e Melo que, radiante, cheia daquela alegria que as mães sentem com a felicidade dos seus filhos, nos contou pormenorizadamente o sucedido.

A menina Maria Isabel nasceu completamente cega do olho esquerdo e o direito tinha o nervo optico atrofiado com uma grande miopia, de forma que só via muito confusamente e mesmo para isso era necessário colocar-lhe os objectos a uma distancia nada superior a 20 centímetros. Para além desta distancia nada via.

Os pais recorreram imediatamente à sciencia e fizeram tudo o que estava no seu poder para curarem a filhinha.

Baldados esforços. Mas a Senhora D. Maria da Conceição, dotada de sentimentos profundamente piedosos, resolveu apelar, com o fervor que só o amor materno sabe inspirar, para o poder da Mãe do Céu.

Na peregrinação de 13 de Maio, entre os humildes doentes que iam pedir a Nossa Senhora de Fátima remédio para os seus males, seguia a mãe com a criancinha cega nos braços.

Lavou-lhe os olhos com água de Fátima, inscreveu a doentinha no registo dos doentes, foi com ela para o recinto respectivo.



Missa dos doentes (Outubro de 1927)

sar à sua terra, é curada instantaneamente durante a viagem ao passar por Coimbra, achando-se agora completamente bem.

E' uma mulher de Vila do Conde, tuberculosa, que esteve em Fátima no dia treze de Maio e que pessoas fidedignas afirmam não ver já os menores vestígios da sua antiga doença.

E' uma menina de Viana do Castelo, gravemente enferma, que se cura de súbito, depois de o pai ter prometido converter-se e dar um conto de réis para as obras e culto do santuário de Fátima, se a filha se curasse.

E' o filho dum conhecido proprietário dum importante estabelecimento industrial de Lisboa que, sofrendo há muito tempo duma doença do aparelho auditivo, se curou, recorrendo a Nossa Senhora de Fátima, quando estava para se submeter a uma melindrosa operação.

E' finalmente... Mas preferimos dar a palavra ao nosso presado colega o diário católico da capital «Novidades», que no seu número de 31 de Maio ultimo, sob a epigrafe. «Uma cura extraordinária», inseriu o interessante e comovente relato que a seguir transcrevemos na íntegra com a devida vénia.

«Tínhamos ouvido que uma filhinha do nosso querido amigo sr. dr. Fernando Pi-

Na volta a Lisboa verificou que a cegueira tinha desaparecido, que sua filha já via! Calcula-se a enorme alegria que reina na casa do nosso querido amigo sr. dr. Fernando Pizarro. A ela nos associamos gostosamente, felicitando os ditosos Pais e toda a sua ilustre Família.

A menina Maria Isabel vê claramente dos dois olhos, desapareceu do esquerdo o tumor, catarata ou o que era — a medicina não diagnosticou com segurança — e embora a visão não seja muito forte, dentro de tres meses, dizem os médicos, será inteiramente normal.

E já que falamos em médicos, devemos acrescentar o modo como apreciam esta cura extraordinária: trata-se dum caso anormal, disse um, porque a cegueira parecia incurável.

— Se tem aqui estado com a sua filha antes de ir para Fátima, e eu a visse agora, convertia-me, afirmou outro.

Nós dizemos o seguinte: a menina não via quando a levaram para Fátima; no regresso já via.

Tem seis meses de idade e os médicos reputavam-na incurável.

E' tudo e é muito, ninguém o poderá contestar».

Visconde de Montelo

creança como lembrança da sua mãe. Depois tirou do bolso um crucifixo maior e colocando-o na parede disse: «Vamos agora rezar o acto de Consagração a Jesus Cristo Rei e pedir a Deus pelo nosso Bispo que está preso na cidade do Mexico». Estavam todas no meio das suas orações quando de improviso ouviram uma horrível blasfemia e a seguir grandes pancadas na porta que logo arrombaram. Pálidas, e espavoridas as creanças não sabiam por onde fugir. «Minha Senhora, vão-nos prender» exclamavam assustadas e agarrando-se aos seus vestidos. Doze soldados comandados por um oficial entraram a seguir na escola, e ás crunhadas apartaram as creanças da professora. A scena foi a um tempo comedora e brutal. Depois de arrancarem o crucifixo do pescoço de todas, atiraram-nos ao chão assim como áquele que estava dependurado da parede. Obrigaram as crianças a passar sobre ele mas nem uma só lhes pôs os pés em cima. Vendo isto o comandante deu ordem aos soldados para que eles os pisassem á vista das creanças. A vista de semelhante desacato a professora santamente indignada conseguiu desembaraçar-se das mãos dos que a tinham presa e metendo-se entre os crucifixos e os soldados com energia heroica disse-lhes: «Pisai-me a mim e maltratai-me como quiserdes, mas não toqueis na imagem do meu Rei e Senhor crucificado». Naquele instante o oficial apontou-lhe o revolver caindo mortalmente ferida aquela heroína que daí a instantes morreu abraçada ao seu Jesus crucificado.

5.—René Capistran Garza, organisador e a alma da *Juventude Católica Mexicana* por ele fundada ha 18 anos foi desterrado pelo governo satânico de Calles. E' casado e tem um filhinho. Na vespera do casamento disse á sua noiva: «Vou ser teu em breve, mas nem por isso deixarei de ser Capistran Garza, e com o nosso enlace não terminará o meu dever de defender as liberdades catolicas na minha patria.

Não extranhes portanto se algum dia te trouxerem o meu corpo agonizante, vítima de algum atentado contra a Igreja». Respondeu-lhe a noiva: «Sim, compreendo-te perfeitamente e orgulho-me de ser tua companheira. Se Nosso Senhor te pedir o sacrificio da tua vida em defesa da Igreja Catolica, cá estará a tua humilde esposa para te curar as feridas e enviarte de novo para a defesa da nossa santa Religião.» Capistran Garza não desmentiu nunca esta atitude. Foi tido como imprudente no exercicio da sua admiravel actividade e zelo. Por sua parte o governo tentou ganha-lo com as mais lisongueiras propostas. Capistran Garza repeliu-as todas com nobre altivez e profundo desprezo.

Aos que o acusavam de imprudente, respondeu com simplicidade: «Se a Santa Igreja me humilhar e espinhar, assim mesmo humilhado e espinhado a continuarei a defender e a lutar por ela até á morte».

6. No jornal «El Siglo Futuro» lê-se o seguinte:

Um grupo de soldados de Calles que andavam cometendo desacatos no Estado de Jalisco, sob pretexto de sufocar a revolução, encontraram um camponez, rapaz dos seus 18 anos. Mandaram-lhe que desse um «Morra» a Cristo Rei para provar que não era revolucionario.

Ao ouvir estas palavras perturbou-se e respondeu que por ser catolico não podia proferir semelhante blasfemia. — «Então és revolucionario», lhe tornaram os soldados.

— «Não, senhores, não sou; nunca andei com eles, nem ninguém poderá provar que eu o tenha sido; mas sou catolico e não posso renegar de Jesus Cristo». Ataram-no então a um camião e obrigaram-no a correr atraz dele. Pouco depois, como era natural, o pobre rapaz era arrastado em virtude da velocidade do veiculo, e do corpo começou a correr sangue. Assim foi até á sua aldeia onde parou o camião. Desceram os barbaros soldados de Calles insistindo com o rapaz mais uma vez para que desse um «Viva» a Calles e «morra» a Cristo Rei. O rapaz extenuado continuava a dizer: «Sou catolico. Viva Cristo Rei» Então aquelas feras humanas começaram a espicá-lo com as baionetas. Uma mulher que isto presenciara foi dar parte á mãe do rapaz do que se passava. Esta como louca vendo o filho naquele estado com um heroismo cristão que se vê com frequência entre o povo humilde do Mexico disse-lhe: «Ainda que te matem, meu filho, não renegues da tua fé; mais vale a fé do que a

Martires dos nossos dias

(Continuação)

Heroínas cristãs

3.—Em Vitória (Guanajato) foi martirizada a presidente das Filhas de Maria. Ataram-na primeiro a um poste e depois cortaram-lhe os membros a pouco e pouco, começando pelos pés e por fim cortaram-lhe a lingua.

4.—Em Huajuapáu de Leon uma professora, D. Juliana Olazar, senhora de muita piedade comprou crucifixos para os dar como lembrança duma festa ás suas alunas. Distribuiu-os recomendando-lhes que os puzessem ao pescoço e nunca os largassem nem de dia nem de noite, guardando-lhes o que ela trazia desde

As Curas de Fátima

tua vida. Continua a gritar: «Viva Cristo Rei». Ao perceber a voz da mãe o rapaz já moribundo reanima-se e exclama mais uma vez: «Viva Cristo Rei» e expirou.

Juventude Católica Modêlo

Como os primeiros mártires, assim um punhado de jovens mexicanos se prepararam para o martírio fortalecendo-se com o Pão dos fortes, e as almas ficaram de tal forma robustecidas para a luta que se narra nestas palavras: «Estamos dispostos a dar a vida pela causa que defendemos, porque é justa, e santa». Não buscavam riquezas nem honras, pretendiam apenas trabalhar, pela liberdade da Igreja Católica no México.

Um deles por nome Nicolas Navarro, pediu a bênção ao pai antes de ir para o combate e jejuou na véspera do seu martírio. A' sua esposa que apresentando-lhe o seu filhinho lhe perguntou se tinha coração de os deixar, respondeu: «Antes de tudo devo defender a causa de Deus: e se tivesse dez filhos, todos deixaria pela minha Religião. Quando o meu filho for maior, dize-lhe que o seu pai morreu na defesa da sua religião».

Estes valentes assim dispostos para a luta foram vilmente atraindo e caíram nas mãos dos soldados de Calles. Eram 11 ao todo.

Prenderam-nos e com brutalidade selvagem insultaram-nos e maltrataram-nos enquanto os levavam presos para a Inspeção da Polícia. Depois de longa demora em logares imundos foram conduzidos por ordem, não se sabe de quem, a um lugar chamado Brisa pela 1 hora da madrugada, onde os maltrataram com pancadas, arrastaram pelo chão ficando assim desfigurados e com os vestidos rasgados. Prepararam-se logo para os fusilar sem mais formalidade judicial. A' vista dos barbaros preparativos para o fusilamento alguns dos jovens começaram a sentir as angustias e horrores da morte. Entre eles estava um menino de 13 anos, por nome Agustín Rios, cuja sensibilidade comovia os mais. José Valencia Gallardo, presidente da Congregação Mariana, repreendeu corajosamente os soldados pelo crime que iam cometer, e dirigindo a palavra aos companheiros, animou-os apontando-lhes para a corôa que iam receber das mãos de Deus e da Virgem de Guadalupe dali a instantes. Não lhe deram tempo para mais. Ao ouvir o nome de Deus e da Virgem de Guadalupe com furor satânico deram sobre ele e cortaram-lhe a lingua desafiando-o no fim a que continuasse a falar. E ele fazendo um supremo esforço conseguiu livrar-se das cordas com que o tinham atado e com o dedo levantado apontava aos companheiros o céu onde em breve se iriam encontrar mais felizes. Nesta atitude foi varado pelas balas dos soldados, e como se isto não bastasse um deles com a coronha despedaçou-lhe o craneo. Dispararam depois sobre os companheiros, conseguindo alguns escapar, pelos quaes se teve conhecimento destas scenas selvagens. A Nicolas Navarro quiseram arrancar alguns documentos comprometedores para outros. Não podendo salva-los doutra forma, enguliram-nos. Indignados os soldados de Calles deram sobre ele, quebraram-lhe os dentes e maltrataram-no até lhe fazerem saltar o sangue pelos olhos. E logo o vararam com duas balas. Caindo em terra a gloriosa vitima, teve ainda força e valor para dizer aos companheiros: «Animo, rapazes, lembrai-vos da causa que defendemos. Morramos por Deus e perdoemos aos que assim nos tratam. Viva Cristo Rei!» Os cadáveres dos heroicos defensores da fé foram expostos ás portas do Palacio Municipal, e esta afronta serviu para dar principio á glorificação dos confesores da fé. O pai de um deles á vista do cadaver do filho exclamou: «Meu filho, roga a Deus pelos teus pais e irmãos para que imitemos o teu exemplo a estas horas estás de certo no céu». A mãe de José Valencia Gallardo, senhora de avançada idade, longe de se entristecer alegrou-se com a lembrança de que era mãe de um mártir; e ao chegar ao pé do corpo do filho ajoelhou e sem coragem para o abraçar, por respeito contentou-se com lhe beijar os pés. Recusando-lhe a autoridade o cadaver do filho disse: «Não importa, já o entreguei esta manhã ao Coração de Jesus».

Ao ouvir esta narração o Santo Padre Pio XI comovido até ás lagrimas exclamou: «O México está revelando virtudes muito preciosas. Não pode tardar o dia da victoria, e será gloriosíssimo para essa nação, que assim tem sabido defender a sua fé e liberdade de consciencia.»

P.e Frederico de Barros Taveira, de S. Martinho d'Anta-Sabrosa (Traz-os-Montes, em carta de 5 de junho escreve: Peço o favor de publicar na: Voz de Fátima—o seguinte:

Algumas pessoas desta freguesia resolveram ir a Fátima no dia 13 de Maio proximo passado com o humilde signatario destas linhas, paroco desta freguesia.

Tendo isto constado, pedem-me para deixar ir no nosso grupo uma mulher chamada Ermelinda Teixeira de Matos, casada, de 37 anos de idade, moradora no lugar da Magalhã, freguesia de S. Tiago de Andraes, desta diocese de Vila Real. Esta mulher tinha um cancro no peito com ramificações largas e era tal a gravidade do seu estado que o medico de Vila Real, Ex.mo Snr. Dr. Madeira Pinto, que ela tinha consultado, lhe disse que era necessario entrar o mais depressa possivel no Hospital de Coimbra para ali ser operada.

Por este motivo pedem-me que a deixe ir conosco a Fátima e que, se não sentisse melhoras, fizesse todos os esforços para que entrasse no Hospital, ao que anuí.

Durante a viagem passou mal e tão mal que varias pessoas dos lugares por onde passavamos zombavam de nós por levarmos uma mulher naquele estado a Nossa Senhora do Rosario de Fátima, que ficava tão longe, pois íamos do concelho de Sabrosa, Traz-os-Montes.

Chegando a Fátima, essa mulher apresentou-se ao posto medico e um dos medicos, cujo nome ignoro, recebeu-a com toda a amabilidade, pelo que ficámos muito penhorados e disse-lhe que, por não poder entrar no pavilhão dos doentes por não levar atestado, se aproximasse o mais possivel desse lugar para receber com fervor a bênção do S.S. que era dada a todas as pessoas, embora não recebesse a bênção especial do S.S. dada aos doentes pelo motivo indicado, porquanto o seu estado era gravissimo e que, se Nossa Senhora, a quem se devia dirigir com toda a fé, lhe não acudisse, precisava de ser operada imediatamente.

A doente assim fez e na volta, estando perto de Coimbra, em cujo hospital não pôde ficar logo, porque prometeram mandá-la ir daí a alguns dias, declarou-nos que se sentia melhor.

O seu aspecto era realmente muito diferente, e, note V. Ex.ª, dava-se isto depois de ela ter passado três noites sem cama e de termos sofrido varios incomodos por causa da viagem ser muito longa e irmos numa camionete descoberta, sem almofadas etc.

Imediatamente pedi á senhora que m'a tinha apresentado, D. Ana Teixeira da Silva, que visse se realmente ela estava melhor.

Declarou-me esta que era verdade, que o cancro tinha desaparecido, restando apenas um nucleosito e que o peito não apresentava o aspecto anterior.

Esperei alguns dias para ver se as melhoras se confirmavam e depois de me terem dito por vezes que ela estava melhor, pedi á referida senhora que a acompanhasse a Vila Real e que falassem com o mesmo medico, Dr. Madeira, para que ele dissesse se as melhoras eram verdadeiras ou se ela ainda precisava de sofrer a operação.

Este disse que a encontrava melhor e que não precisava de ir para o Hospital. Passados dias entrevistei-a duas vezes e vi que estava muito bem disposta, que já podia aguentar com os trabalhos rudes do campo, e que podia comer de tudo, o que não sucedia antes de ir a Fátima.

Atribue essa mulherzinha a cura a Nossa Senhora do Rosario e, como V. Ex.ª vê pelo relato apresentado sem o minimo exagero, não podemos duvidar do milagre feito por Nossa Senhora.

Bem dita Ela seja por se dignar favorecer com esta graça extraordinaria uma creatura desta região e oxalá ela sirva com muitas outras graças recebidas pelos peregrinos do nosso grupo para animar a fé infelizmente amortecida nesta região.

Desnecessario será dizer que essa mulher se preparou com a Confissão e Comunhão para a viagem, assim como outras pessoas, e que de muitos corações subiram preces ardentes a Nossa Senhora pelo bem dos peregrinos, em particular

pelos doentes e que por estes foi oferecido em Fátima o santo Sacrificio».

* * *

Do mesmo Rev. Sacerdote recebemos mais o seguinte:

Fui ontem a Vila Real para obter o atestado. Prometeram mandá-lo na sexta feira proxima.

Como V. me disse que era preciso remetê-lo até ao dia 20 do corrente e não me foi possivel enviá-lo por umas razões que talvez se publiquem nos jornais para edificação de quem as ler, escrevo agora, pedindo a publicação da minha ultima carta no proximo numero da *Voz da Fátima*, confirmando-a, assumindo a responsabilidade e aditando que, ao contrario do que eu supunha acerca do principio e desenvolvimento da cura, a tal duzeza, cancro, ou o que quer que fosse, começou a desaparecer do nucleo principal para os lados, restando apenas um nósite insignificante, acerca do qual diz um outro medico, o Ex.mo Snr. Dr. Julio, com consultorio na Rua Direita, que não pensem de forma alguma em o extrair por meio da operação que é inteiramente desnecessaria.

Este tambem a tinha observado antes de ir a Fátima e confirma na minha presença que o caso era gravissimo e que a cura sem tratamento é totalmente inexplicavel.

A este contei as peripecias varias da viagem que deviam necessariamente fazer com que a doente peorasse e que o tratamento, no dizer ingenho da tal mulherzinha que estava presente, fóra o *encher-se* esta (palavras textuais) de agua de Nossa Senhora de Fátima.

Na minha ultima carta falava em cancro. Pode V. conservar a palavra ou modificá-la, porque os medicos não me souberam dizer claramente o que era. Dizem que era inadiavel a extracção daquilo, mas parece-me que era cancro, porquanto tumor não era, porque já tinha sido lancetado sem derramamento de pús.»

Palmira Teixeira Bastos moradora na rua Rodrigo da Fonseca n.º 9 Lisboa.

Achando-se muito doente com uma crise de coração, em Abril de 1927, e estando inscrita na peregrinação a Assis, via com desgosto que a não podia fazer.

Lembrou-se de fazer uma novena a N. Senhora de Fátima e na tarde desse dia já pôde sentar-se na chaise-longue onde passava os dias sem poder levantar a cabeça. No dia 13 de Maio já foi a S. Mamede comungar e acompanhar em procissão N. Senhora até á sua capelinha nesta igreja e no dia 30 seguiu com a peregrinação a Assis sem o minimo incomodo.

N. Senhora de Fátima ainda lhe fez outro grande milagre. No dia 20 de Agosto desse ano foi atropelada por um automovel, ficando com o pé direito muito ferido, torcido e com dois dedos partidos; uma tarde em que estava torturada de dores lembrou-se de aplicar as ligaduras com agua de N. Senhora e nessa noite dormiu tão bem como ainda não tinha dormido depois do desastre.

Tendo-se o medico já despedido continuava com muitas dores nos dedos, quando se calçava; chamou novamente o medico que verificou que a fratura dum dos dedos tinha consolidado em falso e assim o osso fazia pressão no outro dedo causando-lhe muito sofrimento.

Disse-lhe então o medico que o unico remedio era amputar esse dedo. Aflita com essa ideia recorreu mais uma vez a N. Senhora de Fátima fazendo applicações de terra e agua de Fátima e em pouco tempo ficou completamente curada e já anda ligeira como se não tivesse sido vitima de um desastre tão grave.

Nossa Senhora de Fátima fez-lhe mais duas graças particulares.

Uma irmã dedicada, de Azinhaga (Torres Vedras) em carta de 7 de maio ultimo, escreve:

Como considero um milagre, feito por Nossa Senhora do Rosario da Fátima, a cura de meu irmão Augusto Gomes Duarte de nove anos de idade, natural da freguesia de S. Mamede da Ventosa — Azinhaga — Concelho de Torres Vedras, peço a V. Ex.ª se digne, publicar se o achar conveniente. E' o seguinte: no dia 6 de dezembro de 1926, adoeceu meu

irmão; a principio sem saber de que doença soffria, mas passados dias, chamado o médico declarou ser uma meningite; á segunda visita que fez ao doente disse que estava bastante mal, que escapava se fosse tratado como devia ser; mas não sendo os meios suficientes, para que viesse o médico todos os dias, e levar um tratamento rigoroso a doença foi em aumento. Pela 3.ª visita, do médico Sr. Dr. Antonio Freire, distinto medico de Torres Vedras, a quem além da Virgem Nossa Senhora da Fátima, devemos toda a consideração, porque sempre o tratou com muito cuidado e carinho; mas vendo o estado do doente disse que era impossivel escapar e se escapasse não ficava livre de defeito, e para um dia vir a ser um homem incapaz de ganhar a vida, mais valia que Deus Nosso Senhor, o levasse. Foi grande a nossa aflicção, ao lembrar-nos, que podia ficar mudo, pois esteve dois mezes sem articular uma palavra, e bastante tempo sem se mecher, e até dois dias sem abrir os olhos, parecia um cadáver, tinha de vez em quando aflições parecia que se tapava; esperava-se todos os dias por um desenlace fatal, e diziam então se melhorar, e ficar sem defeito é um grande milagre, e é como eu e minha familia o consideramos. Minha mãe foi-lhe dando de vez em quando a Agua da Fátima e prometeu de ir com ele agradecer a Nossa Senhora, se se dignasse cura-lo, e eu prometi igualmente, e prometi tornar publico, se tivesse a dita, dele se curar e ficar sem defeito algum.

Graças a Deus e á Virgem Nossa Senhora do Rosario da Fátima que apesar de muito indignas, nos atendeu, e se dignou curá-lo e ficar livre de defeito. Passados três mezes depois de adoeecer estava completamente bom, tinha recuperado, a fala e o andar, coisa que elle fez primeiro do que falar, era por isso que muita gente dizia que vinha a ficar mudo, pois já estava bom comia admiravelmente brincava e não falava. Mas a Virgem Nossa Senhora da Fátima, concedeu-nos esta tão grande Graça.

Bem dita para sempre Bem dita Nossa Senhora do Rosario!»

Maria do Rosário, casada, de 60 anos de idade, moradora no lugar do Fundo de Vila, da freguesia e concelho da Tábuá, Diocese de Coimbra, sofreu horriavelmente durante 10 anos dum eczema numa das pernas que a impediu durante muito tempo de andar, e passava parte das noites fóra do leito, em virtude das dores se tornarem mais intensas com o calor da cama.

Nos primeiros tempos em que se manifestou a doença, usou uma pomada aconselhada pelo distincto clinico e sub-delegado de saude de Tábuá, Dr. José da Costa Gaito, mas sem que sentisse algum efeito. Desistiu para sempre de usar mais remedios e começou então a invocar em seu favor Nossa Senhora de Fátima, até que um dia pediu uma pouca de agua de Fátima e com uma fé muito viva baniu a parte chagada por tres vezes consecutivas. Na terceira noite dormiu socegada, e quando pela manhã acordou, ficou surpreendida por não ter sentido dores algumas. Examinou a perna doente e pôde constatar que estava completamente curada sem vestigios alguns da doença que tanto a atormentou durante os longos 10 anos! Por algum tempo guardou sigilo absoluto do facto extraordinario que acabava de presenciar na persuasão ainda de que a cura não fosse radical, e só passados quasi dois anos é que tornou o milagre publico (de uma carta do Rev. Paroco, Francisco Firmino Madeira)».

Francisco Pons, actualmente na Beira, ao serviço da Companhia de Moçambique, tendo-lhe na manhã de 26 de Fevereiro do corrente ano, aparecido uma violenta dor na ilharga esquerda, complicando-lhe com os intestinos e estomago, não podendo de forma alguma socegar; já perto da noite recordou-se que tinha uma imagem da Senhora de Fátima, que lhe havia sido enviada de Portugal, por pessoa de familia, á intercessão da qual recorreu, colocando-a na parte doente e passados poucos momentos desaparecia-lhe por completo todo o seu mal estar sem deixar vestigio algum. Cumprindo com a promessa feita na ocasião, vem pedir a V. Ex.ª a fineza da publicação desta graça no seu mui digno jornal, o que desde já penhorado agradece.

a VOZ DE FÁTIMA e os seus leitores.

Iniciamos hoje uma nova secção que aparecerá de vez em quando se o espaço no-lo permitir.

Nela apresentaremos alguns recortes das inumeráveis e por vezes interessantíssimas cartas que dia a dia afluem á nossa Redacção.

Será como que o termómetro e o índice da difusão e acção deste jornalzinho que com ser tão pequenino e desprezível conta os leitores por dezenas de milhares, espalhados pelas cinco partes do mundo.

Por ela se verá como ele é lido e estimado.

Não publicamos nomes por a isso não estarmos autorizados mas conservamos os originaes donde transcrevemos as varias passagens.

Duma carta escrita do Minho em Maio deste ano acompanhando um cheque para assinaturas:

«O jornalzinho está aqui fazendo muito bem ás almas.

Nestas pequenas esmolas vão algumas oferecidas por pessoas que ainda há pouco eram incredulas.

Alguns já foram á Fatima.

Numa familia em que era impossivel entrar um sacerdote ou pessoa piedosa para falar em sacramentos a um tuberculoso, entrou «a Voz da Fatima»; pouco depois começou o enfermo a recitar três Ave-Marias e passados alguns dias foi permitida já a visita dum padre que, falando de curas operadas pela devoção a N. Senhora do Rosario da Fatima, teve a dita de conseguir no mesmo dia que o doente recebesse todos os sacramentos.

Esta conversão fez enorme impressão no animo daqueles que conheciam o homem.

A devoção a N. Senhora da Fatima tem aumentado muito aqui nestes ultimos dois anos.

Na igreja de X, onde sou capelão, começámos há dois anos a celebrar o dia 13 de cada mês havendo, ao meio dia, exposição do S.S., Adoração, terço e Bênção — tudo em união espiritual com os peregrinos da Cova da Iria.

Enche-se a igreja.

.....

No dia 13 comungam todos os enfermos. Desperta devoção maior nos assistentes á recitação do terço ao meio dia solar saber-se que a Missa celebrada áquella mesma hora no local das Aparições é também aplicada pelos que estiverem unidos espiritualmente com os peregrinos.

Noto que todos os dias bastante gente se prosta deante da pequena imagem (que aqui se venera) de Nossa Senhora da Fátima, fazendo novenas para alcançar graças.

Os que foram á Fátima nesta ultima peregrinação vieram entusiasmados e animam outros; já por aqui se pensa em organizar uma em comboio especial.

P.e X

Dum sacerdote pedindo alguns exemplares para uma casa de trabalho do Patriarcado:

«Com os meus respeitos, tomo a liberdade de lhe enviar 15\$00 para o jornal «Voz da Fátima» que tanto está contribuindo para o levantamento espiritual do povo português, e de lhe pedir o especial obséquio de, sendo possível, enviar regularmente alguns exemplares para a Casa de Trabalho de X.

As suas educandas muito carecem do alimento que esse jornal (por elas lido com avidéz) lhes ministra, mas muito mais aproveitará ás suas familias, estou certo disso, se elas o puderem levar para suas casas.

Dum Ex.mo Prelado duma Diocese Hespanhola numa carta intima:

«De seguro que no le molestarán sus peregrinaciones a Fátima donde tiene Usted un tesouro por haberlo escogido la Virgen como punto y centro de irradiación de sus grácias y maravillas para la salvación del mundo y de Portugal especialmente.

Con que gusto hubiera ido yo si mis años y mis ocupaciones me lo permitieran.

Ruego-le que quando Usted vaya tenga la caridad de presentar a tan buena Madre mis necesidades, pecados y ignorancias y pedirle remedio.

E por hoje bastam estes três excertos de três interessantissimas cartas que o espaço não dá para mais.

O que ha de maior no mundo!

O que ha de maior no mundo é... um acto de amor de Deus.

A pobre Ana... Não sei se conhecem a Ana. Afinal ela... é quasi desconhecida mesmo na sua aldeia...

No entanto a pobre Ana, aos olhos de Deus é uma das maiores personagens do mundo.

—Mas, como é isso? —O que fez ela? Oh! Nada que toda a gente não pudesse fazer, mas que *nem toda a gente faz...*

O que seria? Ora, ouvi, lá: Esta manhã, ao acordar, disse: «meu Deus, todo este dia, feliz ou infeliz, é só para Vós!»

Quando ela retoma, o seu trabalho de todos os dias diz: «meu Deus, para Vossa maior gloria.»

Quando ia a sair para a rua ouviu alguém blasfemar e disse lá no seu coração: «Meu Deus, eu Vos amo mil vezes mais do que este desgraçado vos despreza!»

Quando encontra no caminho um pobresinho, dá-lhe qualquer coisa e pensa lá consigo: «meu Deus; é a Vós que eu o dou.»

Quando se fazem os peditórios para o Seminario, ou quaisquer obras da paróquia, ela dá sempre alguma coisa e diz intimamente: «não sou rica mas posso ajudar a salvar uma alma.»

Vieram pedir-lhe um serviço que ela prestou da melhor vontade, dizendo interiormente: «Ah! isto custa-me bastante, mas é... por Nosso Senhor.»

Um dia houve quem se lembrasse de a caluniar, áquella pobre mulher. Ela, beijou ternamente os pés do seu crucifixo, dizendo: «Meu Deus!... Como vós... muito obrigado.»

A' noite, ao adormecer, fazendo um acto de contrição, diz: «Meu Deus, amei-Vos muito pouco hoje mas espero amar-Vos mais amanhã.»

Ela não fez senão isto, digovo-lo eu! E já bastantes anos que ela não faz senão isto.

Não será grande coisa aos olhos do mundo?...

Mas aos olhos de Deus, é muito. Aos olhos de Deus é tudo!

E ahí está a razão porque eu vos digo que a Ana, pobre e quasi desconhecida, é uma das maiores personagens do mundo!

Vinde cá todos, escritores, oradores, politicos, artistas, que encheis a terra com o vosso nome. Fumo, tudo fumo. Dentro d'alguns anos estareis mortos e se desejaes que a terra vos seja leve, dormi descançados porque a vossa fortuna e gloria não vos farão muito peso.

E vós, conquistadores terríveis, que haveis sacudido e abalado o mundo com as correrias das vossas victorias... fumo, só fumo!

E' certo que a pobre Ana deu menos nas vistas que vós.

A pobre mulher não é no mundo mais que um grão de areia na praia do mar. O vento sopra e leva consigo o grão de areia. E quem ha que dê pelo espaço que ele deixou vazio?

Dentro d'algum tempo Ana estará morta e quem dará pelo seu desaparecimento?

Não obstante, esta mulher, desempenhou um papel superior ao vosso, uma obra de maior alcance.

Vós abalastes o mundo? Ela fez mais: *abalou o coração de Deus!*...

E quando os actos dos dois forem pesados na balança da justiça divina, os vossos serão achados *mais leves*.

O mundo tem as suas balanças Deus tem também as suas e estas é que serão justas.

Almas ignoradas que lérdes estas linhas, ide e fazei como a pobre Ana: *O que ha de maior no mundo é um acto de amor de Deus! Um acto de amor para com Nosso Senhor realmente presente no Santissimo Sacramento!*

VOZ DA FATIMA

Despeza

Transporte	108.647\$50
Papel, composição e impressão do n.º 69 (43.500 exemplares)	2.600\$75
Sêlos, embalagem, expedição, gravuras, etc.	809\$15
	112.057\$40

Subscrição

(Setembro de 1927)

Enviaram dez escudos: Francisco Machado Brun Corrêa de Melo, Laura Assis de Moraes, Antonio Joaquim Figueira, Manuel Teixeira de Carvalho, Aida Ferraz d'Aguiar (20\$00), P.e Augusto da Silva (20\$00), Delfina Ferraz Cortez (20\$00), Maria d'Azevedo Maia (12\$50), Joaquim Rodrigues de Amorim (15\$00), Ester Rodrigues, Perpetua Jesus Guerra, Beatriz Hansen, P.e João Francisco Goulart, Angelina Vieira Brandão (15\$) Vitoria da Conceição, Tereza de Jesus Cunha Amorim (50\$00), Julia Pinto Coelho, Emilia Rosa Mendes, José Mano Junior, José Ferreira (20\$00), Ana Augusta de Oliveira, Balbina Isabel Afonso, Manuel Maria Lucio (20\$00), Ana Rosa Salgueiro da Veiga, Maria de Jesus Vilhena Carvalho, Maria Helena Guimarães (20\$00), Maria Ignês Namorado Fernandes (20\$00) João Fernandes Martins (40\$00), Arnaldo Esteves, Dr. João Martins de Freitas, P.e José Agostinho Vaz, Maria Jacinta Candeias, Maria José Ferreira Paulino (jornais — 100\$00), Maria Benedicta Gomes da Silva, Margarida Esteves, Maria Petinha Bonifacio, Amelia Nunes Ribeiro, José Semedo, Maria Eugénia Reis, Condessa de Monte Real, Emilia Maria Parry Pereira, Madame Duarte, Marquiza da Praia, Maria José Soares, Maria José dos Santos, Virginia G. Pinto, Laura Posolo da Costa, M.ª do Carmo Rib.º, Mariana Salema de Avilez, M.ª Perestrelo Orey, Maria Viana Moreira, Francisca Rosa de Jesus Canas, Emilia Victoria de Jesus, Maria José de Barros Lima Salgado, Maria José Portal, Maria José Batalha (jornais — 20\$00), Regente da Creche de Ovar (12\$00), Maria da Encarnação Carvalho, Maria das Dores Andrade, Mariana Saldida (20\$00), Alzira dos Anjos Rebelo Cebolão (20\$00), Adelaide de Jesus da Cunha (20\$00), Rosa d'Oliveira, Carolina Pinho, Flavia da Silva, Palmira A. R. Cebolão (20\$00), Manuel M.ª Porrão, Maria Luiza da Silva (20\$00), Manuel José Conde (20\$00), Dr. Souza, Carolina Pinho, Rosalina Marques Pinto, Maria Augusta Gomes (40\$00), Paulina Faria, Teresa B. Forte (jornais, etc. 130\$00), José Baeto, Maria Pilar, Beatriz de Lemos Trigueiros (20\$00), Angelica Garcia Gago da Camara (13\$00), Elvira Oliveira Pinto de Souza, Tereza da Conceição Xavier Ramos Neto, José Monteiro, Manuel Antunes (20\$00), Anunciação do Vale Santos, Eliza Vidal, Maria da Graça Paivã, Ana da Graça Nunes, Paulo Moreira (20\$00), Emilia Soares, Manuel Ferreira Patricio, Antonio Duarte Canas (12\$50), Maria Simões, Maria Rita de Oliveira Ramalho, Sofia Conceição Fernandes Lopes, Maria Jesuina Gonçalves Mourão, Maria Ester M. Guedes Pinto, Maria Stael, Rogerio Augusto da Veiga Ferreira.

De Jornais: um devoto de Sernache, 183\$00; Henriqueta Godinho, 120\$00; Miguel Bento Nunes, 50\$00; Emilia Veiga, 40\$00 Reinaldo Monteiro Basto, 68\$00; Antonio Vieira Leite, 65\$00; Josefa de Jesus, 30\$85; Maria Rosa Magno, 80\$00, Laurinda de Souza, 106\$40; Maria das Dôres Tavares de Souza, 163\$50; de Salvaterra e Coruche, 100\$00; donativos de Evora (D. Maria José Bagnulho etc.) 100\$00; Angelina da Conceição Soares Louzada, 100\$00; Maria José Ferreira Paulino, 500\$00; Maria Joaquina da Silva, 35\$00; Manuel Alves Mateus, 42\$50; Zulmira da Mota Galhardo, 40\$00; P.e Augusto José Vieira, 72\$50; Luciano de Almeida Monteiro, 50\$00; Sofia da Graça, 50\$00; Dr. José Luiz Mendes Pinheiro, 50\$00; Entregue pelo Rev. P.e Magalhães, 60\$00; Maria Emilia Vieira, 97\$10.

Efeitos da Santa Comunhão

«Parece-me, dizia santa Rosa de Lima, que nas minhas Comunhões, um sol desce do Ceu ao meu peito, pois que tudo o que se passa em mim é semelhante ao que faz o sol cá no mundo.

Vêdes como o sol alegra tudo com o seu calor e a sua luz, como ele orna a terra de flôres e frutos, como ele embeleza os mares com os seus raios e enriquece as montanhas de tesouros metalicos, como alegra as aves do ceu e faz vegetar as plantas e os animais; como ele ilumina, abrasa e colora todos os objectos que compõem este vasto universo? Pois bem.

E' isso o que faz na minha alma a carne de Jesus Cristo pela sua presença real!

O ESPIRITO DE FÉ

«Sabeis porque nas nossas igrejas, quer durante a Santa Missa, quer durante outros actos do culto, tantas pessoas se mostram distraidas e indiferentes? E' porque não tem o espirito de fé na presença real do Salvador no Sacratio.

Sem duvida creem que Ele está lá mas a sua fé é tibia e superficial. Os verdadeiros fieis, os que tem espirito de fé no Santissimo Sacramento, procedem doutra forma. Conheci um bom numero de jovens, bons aprendizes, que, de manhã, ao ir para a officina, entravam, sem nunca faltar, na primeira egreja que encontravam no caminho, ali ajoelhavam a um canto e, durante alguns minutos, adoravam a Jesus Cristo e lhe consagravam o seu dia.

Um admiravel cristão, protestante convertido que ha tempo conheci em Roma (diz Monsenhor de Segur), dizia-me um dia: «Para mim, um dia sem missa e sem comunhão, faz-me o efeito de um dia sem sol.» Esse santo homem ia todos os dias, estivesse o tempo que estivesse e quaesquer que fossem as suas occupaões, passar uma hora inteira deante do Santissimo Sacramento e parecia-lhe essa hora um instante.

Conheci outro, em Paris, artista celebre, tambem convertido, não de protestantismo mas da indiferença e da vida mundana, que se via muitas vezes mais de duas horas em oração, escondido em qualquer canto como um pobre qualquer.

«Não ha senão isto e nada melhor que isto no mundo!» (dizia ele).»

Um outro, um antigo general voltado para Deus aos sessenta anos, começava da mesma forma todos os seus dias por uma longa e santa adoração e uma melhor comunhão.

Viveu assim até á idade de oitenta e dois anos.

Dizia ele um dia a um amigo: «Nunca no mundo amei tanto uma pessoa como amo a Nossa Senhor.»

Um pobre empregado continuo Monsenhor de Ségur) fazia mais ainda pelo Santissimo Sacramento. Irresistivelmente levado pela sua fé, tinha deixado tudo para se dedicar unicamente á bela Obra da Adoração Nocturna, transportando com o suor na fronte, todos os dias, dum lado ao outro de Paris todo o mobiliário necessario durante as noites de adoração, mal tocando no sono, passando a noite quasi inteira deante do Santissimo sacramento. Era um homem do povo sem outra sciencia senão a sua grande fé. Depois de treze anos e meio desta vida admiravel morreu como tinha vivido, como um santo.

Eis o que produz o espirito de fé no Santissimo Sacramento.

A todos aqueles que amo não desejo senão uma coisa e que encerra tudo: uma fé profunda, viva e terna para com Deus na Eucaristia.»

O LIVRO:

AS GRANDES MARAVILHAS DE FÁTIMA

pelo Visconde de Montelo, vende-se em FÁTIMA. Cada exemplar, dez Escudos.

Todo o producto liquido de venda é destinado á Obra de Fátima.